

Bilhete Premiado

Everton Bonfim

PERSONAGENS

Bilheteira

Napoleão (vendedor de chocolates)

Celsinei (assistente de vidente)

Maria Heleotéria (vidente)

Ator 1 (organizador e palhaço)

Ator 2 (Petrúquio, mudinho e apresentador)

Atriz (Catarina)

Dona Esmeralda (dona do pensionato)

Soldado Freitas (catador de papel)

CENA 1

*(Em frente ao salão de festas, a bilheteira entrega para o público um número para o sorteio)
(Antes dos atores darem início ao evento, aparece Napoleão, um vendedor de chocolates)*

Napoleão – Olha o chocolate, colate, colate, colate, colate, colate, colate! Olha o chocolate, colate, colate, colate, colate! *(pergunta para a bilheteira)* Oi. O que tá tendo aí?

Bilheteira – Vai ter um sorteio.

Napoleão – Será que eu posso vender meus produto, enquanto não começa?

Bilheteira – só se for rápido, que está pra começar.

Napoleão – Brigado fia, toma um docinho, Deus te abençoe! *(Para o público)* Boa noite!
Meu nome é Napoleão eu vendo chocolate pra comprar o leite das crianças, se vocês puderem me ajudar. Tem saquinho de um real, com cinco bizes. E para você que ainda não sabe qual é o seu talento, compre um talento personalizado por apenas três reais. Olha este aqui é, Talento pra ser marido fiel, alguém vai querer fazer uma moralzinha pra esposa?

Vamos ver este aqui, ah, dizem que é a profissão mais antiga do mundo, Talento pra ser puta, alguém vai querer, dá dinheiro gente! Vocês estão perdendo tempo *(pra bilheteira)* Ô moça, você pode me emprestar a lista dos convidados?

Bilheteira – Posso, mas vais rápido.

Napoleão – Vamos ver, cadê o fulano *(escolhe uma pessoa da plateia pra tentar vender um talento)* Oi fulano, tem um talento pra você aqui, só que tem que pagar. Vai levar? *(escolhe outra pessoa da plateia)*

(Aparece Celcinei, assistente de uma vidente que monta uma barraquinha na frente do salão para ler a mão do público)

Celcinei – *(lixando a unha)* Mas que fuzuê é esse aqui! O senhor que fazer o favor de se retirar desse recinto.

Napoleão – Ai meu deus do céu... Ô princesinha do agreste, eu tô trabalhando, dá licença!

Celcinei – Trabalhando? O senhor está incomodando os clientes da madame Maria Heleotéria.

Napoleão – Ô lagartixa no cio! Fala pra madama que os chocolates que eu estou vendendo substituem o prazer do sexo. Eu acho que ela tá precisando. Dá um tesão minha gente...

(Celcinei sai de cena para falar com a vidente, enquanto isso Napoleão improvisa argumentos para vender seus chocolates)

Napoleão – Vamos lá minha gente, quem vai querer?

(Celcinei volta)

Celcinei – Quem vai comprar compra logo que a madame tá com pressa!

Napoleão – Ô coisinha, deixa eu trabalhar em paz.

Celcinei – O senhor é quem está pedindo, eu vou ligar pra polícia.

Napoleão – Não, polícia não. Pra que polícia? Eu tô assaltando alguém por acaso? A rampeirinha tá nervosa hoje. Já tô indo...

Celcinei – Ei senhor, por favor, saia pelos fundos.

Napoleão – Onde que é a entrada pelos fundos?

Celcinei – É saída pelos fundos. É por aqui.

Napoleão – A rampeirinha gosta de uma entrada pelos fundos... Calma querida pra que ficar nervosa assim? Faz mal pro coração, viu.

Celcinei – Tchau senhor, vai embora... *(para o público)* Gostaria de informá-los que a ordem de chegada não altera a ordem dos atendimentos. Maria Heleotéria atenderá primeiro os mais necessitados. E agora com vocês, a maior conselheira de todos os tempos, a vidente Maria Heleotéria!!!

(Tambores)

Vidente – Boa Noite! Vamos ver os mais necessitados. Você, por favor me acompanhe. Sente-se aqui. Relaxe, vamos tirar a energia negativa. Qual é o seu nome? (...)

Celcinei – Aceita uma balinha?

Vidente – Eu aceito! Eu tô tentando parar de fumar. *(faz a consulta chupando a bala)* Fulano me dê sua mão esquerda. Nome completo e data de nascimento. (...) Muito bem Fulano de Tal, coloque suas mãos em cima da bola de cristal, se o cristal ascender, poderei responder sobre sua vida. Feche os olhos e respire junto comigo. Pelo nariz e solte pela boca. Pelo nariz e solte pela boca *(a vidente aperta um interruptor de luz para ascender o cristal)* Muito bem, você conseguiu. Agora posso ver, vejo muitas coisas. No amor você continua indeciso, duas pessoas aparecerão no seu caminho. Uma loira e uma morena. Chegará um dia em que você terá de decidir com qual das duas irá ficar, e nesse dia, no momento da escolha, você vai olhar para trás... e vai avistar uma mulata de 1,70m, e é com ela que você vai ficar por um bom tempo. Até que um dia dará um basta nesse relacionamento, porque acha seu trabalho mais importante. E depois de se entregar ao trabalho e ganhar muito dinheiro, terá todas as mulheres que desejar. *(tambores)* Em uma noite...

Celcinei – Seu tempo acabou querido...

Vidente – Você! Com a caixinha na mão, pele clarinha cor de leite, por favor, sente-se aqui. Qual é o seu nome querida?

Bilheteira – Cris.

Vidente – Cris me de sua mão esquerda, nome completo e data de nascimento.

Bilheteira – Cristiane Demétrio 26 do 06 de 78.

Vidente – Muito bem Cristiane Demétrio, o que você quer saber sobre a sua vida?

Bilheteira – E gostaria de saber se um dia eu vou me casar.

Vidente – Ai que bonitinha! Mas essa é uma pergunta muito difícil, complicada, exige pagamento adiantado.

Bilheteira – Mas eu só tenho o dinheiro da bilheteria.

Vidente – Já serve. *(congela)*

Voz – Extra, extra! A vidente Maria Heleotéria foge com o dinheiro da bilheteria do programa Sábado Premiado!!!

(A vidente saca uma arma de sua mala, aponta para a bilheteira, rouba a caixinha e foge com o dinheiro)

(aparece um dos organizadores do evento no meio da fuga da vidente)

Organizador – O que está acontecendo aqui?

Bilheteira – Pega ela! Está fugindo com todo o dinheiro dos bilhetes.

Organizador – O quê? Volta aqui sua...

Vidente – Fica paradinho ai senão eu estouro seus miolos. *(Foge)*

Organizador – *(para a bilheteira)* Liga para a polícia. Eu sabia que não devia ter deixado essa vigarista armar sua tenda aqui na frente. Vai avisar os atores que nós vamos fazer mesmo assim. Alô polícia, acabamos de ser assaltados aqui no Sábado Premiado. Uma mulher com uma arma. Alguém lembra que cor era a roupa dela? (amarela) Ela tá com uma blusa amarela e carrega uma mala. Está bem, obrigado. *(para o público)* Nós gostaríamos de nos desculpar pelo transtorno e dizer que sim! Haverá o sorteio! Mas antes de iniciar o sorteio gostaria de convidá-los para assistir algumas atrações artísticas de atores internacionais, mas podem ficar tranquilos, eles falam português. Por favor, me acompanhem. *(solta rojões)* Boa sorte a todos! E lembrem-se, sigam as luzes acesas!

CENA 2

Petruquio e Organizador – *(cantando)* “Quem nunca viu amor ao vivo venham veio ver, quem tinha visto não sabia o que dizer, quanto mais via mais queria renascer, só por amor, nada mais, só por amor. Quem não amava há muito tempo se empolgou, quem tinha muito o que fazer não trabalhou, toda São Paulo que não para então parou, só por amor, nada mais, só por amor.”

(cena extraída da peça “A megera domada” de Shakespeare – Tradução: Millôr Fernandes)

Petruqui – Tu mentes Catarina. Pois te chamam de Cata, a formosa, e algumas vezes a megera Cata, mas Cata, a mais bela Cata de toda a cristandade... cata, esse cata vento minha recatada cata... Cata meu consolo... Ao ouvir cantar tuas virtudes pela cidade, louvar tua beleza, me senti movido a vir até aqui pedir-te em casamento.

Catarina – Movido? Em boa hora, pois quem o moveu até aqui, que aqui o remova, assim que o vi, percebi imediatamente que se tratava de um móvel.

Petruquio – Como um móvel?

Catarina – Um móvel, um banco.

Petruquio – Pois você percebeu bem, então vem e senta em mim.

Catarina – Os burros foram feitos para carga, como você.

Petruquio – Mas muito antes de nascer, para carregar-nos, foram feitas as mulheres.

Catarina – Mas não a animais, pelo que sabemos.

Petruquio – Ai Cata gentil, não pesarei quando estiver sobre ti, pois é tão jovem e tão leve.

Catarina – Leve demais para ser carregada por um grosseirão feito você, no entanto pesada, por ter que ouvi-lo e vê-lo.

Petruquio – Ora, não maltrate aquele que a corteja.

Catarina – Corteja ou corveja?

Petruquio – O minha pombinha delicada, um corvo te agradaria?

Catarina – É melhor que um abutre.

Petruquio – Vejo agora irritada demais, acho que a pombinha virou vespa.

Catarina – Se virei, cuidado com meu ferrão.

Petruquio – Só me resta um remédio. Arrancá-lo.

Catarina – Se o imbecil soubesse onde ele é.

Petruquio – Mas quem não sabe onde é o ferrão de uma vespa, no rabo.

Catarina – Na língua.

Petruquio – De quem?

Catarina – Na sua, que fala de maneira tão grosseira. E agora adeus.

Petruquio – Assim com minha língua no seu rabo. Não vai minha Cata, eu sou um cavalheiro.

Catarina – Vou verificar. (*bofeteia-o*)

Petruquio – Volte a fazê-lo e juro que lhe estraçalho.

Catarina – Com que armas, as de cavalheiro? Se me bater não será cavalheiro, e não sendo cavalheiro não terá armas.

Petruquio – Ah, entendes de heráldica. Põe-me então no teu brasão que estou em brasas.

Catarina – Qual é seu emblema? Uma crista de galo?

Petruquio – Um galinho sem crista se quiseres ser minha franga.

Catarina – Galo sem crista não é galo para mim.

Petruquio – Ora Cata, não se azede.

Catarina – É assim que fico quando vejo um rato.

Petruquio – Não há ratos por aqui. Portanto não se zangue.

Catarina – Há sim, há sim.

Petruquio – Mostre-me então.

Catarina – Se tivesse um espelho lhe mostraria.

Petruquio – Quer dizer que o rato sou eu?

Catarina – Que perspicácia em rapaz tão jovem.

Petruquio – Jovem mesmo, por São Jorge, sobretudo em relação a você.

Catarina – No entanto, todo encarquilhado.

Petruquio – São as penas do amor.

Catarina – Não me dê pena.

Petruquio – Cata, juro que não me escapas assim.

Catarina – Se ficar Petruquio, será só para irritá-lo, largue-me.

Petruquio – Não tu não me irritas, acho que és a própria flor da cortesia. Tinham me dito que Cata eras brusca, grosseira, percebo que me informaram toda uma mentira. Pois Cata és deliciosa, esbelta, a flor da gentileza. *(Cata volta)* Porque essa gente afirma que Cata é manca de uma perna. O mundo é vil. Cata és deliciosa, tem na pele o moreno azulado do avelã. E possui um estranho amargo. Anda Cata para que eu aprecie teu andar. Você não manca não.

Catarina – Vai mandar nos teus criados, imbecil!

Petruquio – Volte aqui Catarina eu já negociei com seu pai. Volte. *(Sai atrás dela)*

CENA 3

Artista de Rua – Poderá o amor ser negociado? (*acrobacias*) Gostaria de convidá-los para assistir a uma apresentação no nosso calçadão improvisado. Sugiro que fiquem nas laterais do tapete vermelho, vai ser melhor pra vocês.

Palhaço – Vendi meu amor na esquina do boteco. Ele não valia nada mesmo. A pessoa que comprou não sabia que ele estava com defeito, não sabia, não sabia. (*foge de duas pessoas imaginárias*) Meu negócio é juntar dinheiro, bufunfa! E é isso que eles querem de mim, meu dinheiro. Mas isso eles não vão ter. (*Põe o nariz de palhaço e apanha uma arma de brinquedo. Aponta a arma para uma pessoa do público*) Pega eu agora, você não ia pegar eu, você não ia pegar eu, pega eu agora... fique paradinho ai, se não eu atiro, eu vou atirar, eu vou atirar... (*quase chorando*) eu não consigo, droga! (*tira o nariz*) Senhoras e senhores, e agora com vocês o Palhaço Língua Presa! (*bota o nariz e tira a peruca*) Sou eu, entende? Soy Jô, em espanhol. Sono io, em italiano. It's me, em inglês. Entende? Muito bem, todo mundo entende. Vou apresentar pra vocês o meu mais famoso número. Esse número eu já apresentei nas europas, nos Estados Unidos, na Austrália. É muito famoso esse meu número, e que é particularmente o que eu mais gosto de fazer, que é cantar e cantar e cantar... (*tira o nariz*) antes de dar início ao show do palhaço Língua Presa, gostaria de mostrar pra vocês esse CD. Este CD contém a trilha sonora do espetáculo "Bilhete Premiado". Este mesmo que vocês estão vendo, eu sei que vocês não conhecem todas as músicas, mesmo porque o espetáculo não acabou, mas eu garanto, é emocionante! Meu assistente, o mudinho-ligeirinho, irá até você durante o show, não se preocupem. (*bota o nariz*) Vou cantar pra vocês um sucesso de minha própria autoria, chama-se lista de compras do supermercado, é mais ou menos assim: "Papel higiênico, óleo e manteiga, papel higiênico, óleo e manteiga, papel higiênico, óleo e manteiga, papel higiênico, óleo e manteiga..."

(O palhaço cante a mesma música em ritmo de forró, funk e rock)

(O mudinho aponta o relógio)

Palhaço – E aí, vendeu quantos CDs?

(Faz gestos de quanto vendeu)

Palhaço – Só isso! Puta que pariu. Gente mão de vaca. Agora corre mudinho, tá na hora do sorteio. Em cinco, quatro, três, dois, um...

CENA 4

Apresentador – Boa noite senhoras e senhores, estamos começando mais um Sábado Premiado. Todos os concorrentes já estão com o bilhete que receberam na entrada? Muito bem, então vamos dar início ao sorteio do seu, do nosso, e de quem quiser, Sábado Premiado, lembrando que hoje esta maravilhosa plateia está composta por funcionários da prefeitura, que maravilha. E agora vamos ao prêmio, um papel-higiênico, seu bumbum ficará muito mais cheiroso. Por favos senhora, retire um número. Muito bem, vamos ver o primeiro felizardo da noite é o bilhete número #. Você, por favor venha até aqui. Qual é o seu nome? ... Em qual setor da prefeitura o senhor trabalha? ... Muito bem, está aqui seu prêmio, palmas para ele!

E agora vamos para o segundo prêmio da noite! Um olho de cozinha, pra você minha senhora, fazer aquela comidinha ainda mais gostosa. Por favor, você, retire um bilhete. E o ganhador do óleo de cozinha é o dono do bilhete número #. A senhora, por favor venha buscar o seu prêmio. Qual é o seu nome? ... Palmas para ela! E agora vamos para o terceiro prêmio desta noite... Um delicioso talento, vejamos, talento este para se doméstica. Por favor senhor, retire um número. Muito bem, e o terceiro ganhador da noite é o bilhete número #. Você! Por favor venha buscar seu talento para ser doméstica. Qual é o seu nome? ... Parabéns Fulana, aqui está seu prêmio, palmas pra ela gente!

E agora o prêmio mais esperado da noite. Uma casa no valor de 100 mil reais com um carro zero na garagem. Para o sorteio destes prêmios eu mesmo farei aqui na mesa. E o grande vencedor é o bilhete número, meia-nove, sessenta e nove...

(Apagam-se todas as luzes e os atores organizadores do evento fogem)

(Ascende um foco no Freitas, um ex-combatente da guerra, que atualmente é catador de lixo. Ele está amassando latinhas.)

CENA 5

Freitas – Não é por nada não, mas eu acho que os senhores foram enganados por esses atores. Vocês são bobos, esses atores não têm onde cair morto, vocês acham que eles iam dar uma casa e um carro pra vocês? Eu sei onde eles moram, vocês querem que eu levo os senhores até lá? O que vão me dar em troca? Ué, só porque acabaram de ser enganados pensam que podem me enganar também? OK, vão me dar latinhas, negócio fechado, eu levo vocês até lá, é só me acompanhas, vocês parecem gente boa, saíram de casa pra assistir teatro, né?

(Freitas leva o público até a porta do pensionato do porto. Lá ele conhece D. Esmeralda)

(Cegam ao pensionato e Freitas encontra um álbum de fotografias da Maria Heleotéria dentro do lixo e vai mostrara para o público)

(Esmeralda sai cantando de dentro do pensionato)

Esmeralda – Que é isso? Uma rebelião na frente do meu pensionato?

Freitas – Não, eles estão atrás dos atores que organizam um sorteio de uma casa e um carro que não existem.

Esmeralda – Eles não chegaram ainda. Eu sabia que eu não devia ter alugado quarto pra esses atores de teatro.

(Freitas analisa cada detalhe das fotos que encontrou no lixo)

Freitas – A noção desse tempo faz mal pra minha cabeça.

Esmeralda – Qual tempo?

Freitas – Desse tempo que agente sobrevive nas fotografias.

Esmeralda – O senhor é louco? Por que tá me dizendo isso?

Freitas – A senhora por engano deve ter jogado fora esse álbum de fotografias.

Esmeralda – Daqui, deixa eu ver. Ah, são fotos daquela vagabunda. Aliás, todo esse lixo é daquela vagabunda.

Freitas – A senhora quer dizer que a moça das fotos partiu daqui?

Esmeralda – Graças a Deus, foi tarde. Não deu conta de carregar tudo e deixou ai esse lixo. Pode levar tudo se o senhor quiser, nada aí prestavam também a dona não prestava.

Freitas – Esse perfume...

Esmeralda – Deve feder vindo daquela nojenta.

Freitas – Não, não fede. Me faz lembrar uma moça sozinha esperando um navio, carregava apenas uma mala.

Esmeralda – Aqui a pilantra (*mostra a foto*). Não é essa a moça que esperava sozinha e carregava uma mala?

Freitas – Eu não me lembro. Ela devia estar bem diferente. Mas ela parece com a senhora né?

Esmeralda – Que isso meu senhor, eu sou uma mulher direita (*mostra para o público*). Olha isso, você acha que parece comigo, olha o cabelo dela, olha a bunda!

Freitas – Eu retiro o que eu disse. Reconheço apenas o perfume, o perfume eu posso afirmar que é o mesmo da moça que esperava sozinha e carregava uma mala, mamá-la, mamá-la...

Esmeralda – A ordinária acabou com a reputação do pensionato do Porto, e pelo jeito não foi só ela, aqueles atores... (*para o público*) Não me olhem com essas caras, eles só voltam de madrugada.

(Vai acender um cigarro na cortina de isqueiros)

(Freitas acha um bilhete número 69 no lixo)

Freitas – A senhora sabe o que é isso?

Esmeralda – Deve ser a senha para ir com aquela vagabunda.

Freitas – Ela foi embora mesmo (*joga de volta no lixo*). Uma máquina de escrever! (*acha no lixo*).

Esmeralda – A vadia dava de escrever carta de madrugada. Eu odeio barulho de máquina de escrever.

Freitas – Vou poder escrever minhas cartas. É melhor do que ficar tentando deslizar a caneta. Eu sempre fui canhoto, sempre tive que empurrar a caneta, eu não consigo escrever com a mão direita. O meu destino é empurrar... empurro meu carrinho de lixo o dia todo.

Esmeralda – Eu sei que não é da minha conta, longe de mim se eu tiver querendo incomodar. Mas porque o senhor não tem um braço?

Freitas – Eu perdi numa batalha.

(Plano de memória da guerra)

Freitas – Tens em tuas mãos o punhal para uma vingança fria? Na terra dos tolos, o sol gira em desconsolo. O passo de um soldado mede o seu destino, o passo largo e torto do soldado, fala de sonhos quebrados, que ele mesmo inventou.

Esmeralda – O senhor está bem?

Freitas – Encontrei aqui tudo que não queria encontrar, o porquê eu não sei, talvez por eu não dar tanta atenção para a bondade falsa dos homens, julgo o necessário. Divido meus pensamentos entre o estar sozinho e a partida, outra duvida cruel diante dos meus atos. Não esqueço, muito pelo contrário, apenas enlouqueço como todos os loucos marginalizados em uma sociedade de muitos créditos e que sua ausência se dá pelo simples fato de você não possuir mãos...

(fim do plano de memória de guerra)

Freitas – A senhora pode me ajudar a colocar o papel na máquina?

Esmeralda – Claro! Quer que eu bata pro senhor? É só ditar que eu bato.

Freitas – A senhora não tem medo de mim?

Esmeralda – Medo? Imagina, eu só quero ajudar!

Freitas – Senhora eu posso fazer uma pergunta?

Esmeralda – Claro!

Freitas – Eu sei que não é da minha conta...

Esmeralda – Pergunta logo.

Freitas – A senhora é casada?

Esmeralda - *(dá risada)* Não. Nunca me casei. Sempre achei que não era hora, e de tanto achar, a hora acabou passando.

Freitas – *(empolgado)* Nunca é tarde para se casar minha senhora!

Esmeralda – É, eu também acho. Mas o que é pra escrever na carta mesmo?

Freitas – Então, escreve: “Escrevo pra mandar notícias daqui e saber o que se passa nessa terra”. Daqui, vislumbro um farol ao longe, alguns navios passam, mas não consigo vê-los, só ouço seu som, só ouço seu som... Espero vê-la em breve.

(Freitas rouba um beijo de Esmeralda)

(Celebaram o casamento ali mesmo diante do público e seguem seus destinos longe dali)

Freitas - “Minhas escusas se os senhores não entenderam a razão desta carta. É que os senhores também podem partir, a hora que os senhores quiserem.”

FIM